

Os rolezinhos promovidos por jovens da periferia aos shopping centers foi um dos assuntos mais comentados no meu *feed* em janeiro de 2014. Além de links de matérias, havia comentários, imagens, *posts* agressivos e como se possível, até engraçados sobre a questão. O post engraçado a que me refiro, foi o de uma professora universitária federal, doutora em Comunicação Social, advinda da periferia. Diz assim: “Se eu bem me conheço e hoje tivesse 15 anos, ia ficar DOIDA p dar um rolezinho no shopping tb”.

A questão social que eclode no evento chamado rolezinho é bastante complexa, e este texto não pretende refletir sobre as inúmeras questões que este fenômeno abarca. Vamos focar questões relativas à Ética, à relação eu - outro e aos valores que a nossa sociedade nos propõe.

Ao saber dos rolezinhos, a primeira coisa que me veio à mente foi uma música cantada por Zizi Possi, *Dê um rolê*, título do álbum de 1984: “Não se assuste, pessoa / Se eu lhe disser que a vida é boa / Enquanto eles se batem / Dê um role e você vai ouvir...” Mas muitos dos hits que embalam os rolezinhos são funk, e, na sua versão paulistana, o funk ostentação. O funk ostentação não faz protestos contra o sistema. Não faz apologia ao crime ou drogas ilícitas, nem apelos sensuais. As letras falam de bens de consumo, mulheres, dinheiro, marcas famosas e tudo de bom e de melhor que a vida de consumo pode proporcionar como na música *Plaquê de 100*, de MC Guimê: “Contando os plaquê de 100, dentro de um Citroën, / Ai nois convida, porque sabe que elas vêm. / De transporte nois tá bem, de Hornet ou 1100, / Kawasaki, tem Bandit, RR tem também”.

O consumo se tornou um valor em nossa sociedade que afeta inclusive, e sobretudo, nossa subjetividade:

A “subjetividade” dos consumidores é feita de opções de compra – opções assumidas pelo sujeito e seus potenciais compradores; sua descrição adquire a forma de uma lista de compras. O que se supõe ser a materialização da verdade interior do self é uma idealização dos traços materiais – “objetificados” – das escolhas do consumidor. (BAUMAN, 2008)

Neste contexto, podemos supor que os jovens estão apenas respondendo aos estímulos e valores que a sociedade propõe. Os shoppings centers são os templos sagrados do consumo e o capitalismo, como diz o filósofo Giorgio Agamben, é uma religião feroz, implacável e irracional porque não conhece nem redenção nem trégua – “Ela celebra um culto ininterrupto cuja liturgia é o trabalho e cujo objeto é o dinheiro” (Agamben, IHU).

Mas...O que são os rolezinhos? Encontros nos shopping centers promovidos por jovens da periferia através das redes sociais. Basicamente, é isso. Os encontros estão acontecendo desde dezembro de 2013, mas o primeiro ‘rolezinho’ que teve grande repercussão foi o que ocorreu no Shopping Itaquera em São Paulo. A Folha publicou uma matéria com vídeo onde os policiais agridem os jovens.

cotidiano

Vídeo mostra PMs agredindo jovens em 'rolezinho' dentro do shopping Itaquera

ANA KREPP
DE SÃO PAULO

11/01/2014 © 23h06

<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2014/01/1396629-video-mostra-pms-agredindo-jovens-em-rolezinho-dentro-no-shopping-itaquera-em-sp.shtml>

O interessante é que a matéria foi publicada na seção Cotidiano, e de fato, neste verão os rolezinhos se tornaram eventos cotidianos nos shoppings e nas redes sociais.

A classe média e alta, assídua frequentadora de shoppings, bem como os lojistas ficaram assustados e ameaçados com a adesão de tantos jovens e com a frequência dos rolezinhos. Assustados e com medo. O medo é um dos muitos sentimentos que se interpõem entre mim e o outro, e que de alguma forma, estabelece um tipo de relação e de reação: o ataque ao este outro que representa uma ameaça. Os rolezinhos são considerados uma ameaça à tranquilidade, à ordem e quem sabe, até à moral e aos bons costumes. Aos costumes de uma sociedade com longa história de desigualdade social, de racismo velado e de elitismo escancarado. Que sempre foram considerados “bons”...

Ok, agora recomendo uma parada neste texto, para ler o texto do link indicado a seguir que tem um título que considero instigante: “Da relação direta entre ter que limpar seu banheiro você mesmo e poder abrir sem medo um Mac book no ônibus”¹. Mas retorne a este texto, pois vamos continuar refletindo.

<http://caio braz.com.br/da-relacao-direta-entre-ter-de-limpar-seu-banheiro-voce-mesmo-e-poder-abrir-sem-medo-um-mac-book-no-onibus/>

Posto isso, e recolhendo tudo o que já foi exposto aqui, nosso olhar nos propõe a enxergar algumas questões: que nossa sociedade nos estimula a sermos consumidores vorazes, que existe, de fato, uma divisão social bem clara demarcada pela desigualdade, e que pertencemos a uma sociedade preconceituosa, racista e elitista. Se o nosso valor social fosse a CONVIVÊNCIA e se construir a sociedade fosse como criar uma receita culinária, eu jamais utilizaria estes ingredientes citados que compõe o complexo social brasileiro².

O medo é o sentimento que move a classe média e alta no Brasil com relação a quase tudo³, mas especialmente, diante desse fenômeno dos rolezinhos. Sim, em termos de sociedade, a desigualdade, o racismo, o consumismo, a divisão social e o medo são

¹ Se por acaso, o link indicado falhar, dê um *google* no título.

² Modéstia à parte, meus amigos dizem que tenho um bom tempero culinário.

³ Medo de perder o emprego e, conseqüentemente, a força de consumo, medo de falhar, medo do companheiro(a) de trabalho, medo do chefe, medo de a bolsa de valores cair, medo do sucesso e de não ter sucesso, medo de casar e de não casar. Enfim, o medo é uma força que move o humano e conseqüentemente, o social – em maior ou menor escala.

ingredientes explosivos. Com eles não daria para fazer um prato culinário mas sim uma bomba tipo caseira, sem possibilidade de medir suas consequências e seu impacto físico-social.

Quero destacar o aspecto físico-humano que os rolezinhos acabam por impor, com a presença de jovens da periferia, à classe de maior poder aquisitivo. Experimentamos a sensação de que “estamos aqui juntos”, corpo a corpo, lado a lado, nos divertindo... De forma geral, a classe média/alta não se sente muito confortável convivendo em igualdade com as classes mais subalternas. Tipo assim...você trata super bem seu porteiro, mas ia gostar de encontrá-lo na *night*? Por outro lado, para os jovens da periferia, talvez haja algo que venha das redes sociais-virtuais, tipo “estou curtindo ver você consumir”.

Os rolezinhos também podem ser considerados uma expressão, como um grito (do povo oprimido) que expõe a necessária transformação social de que precisamos, como sociedade, realizar. É um grito pela igualdade, de participar daquilo que é considerado “bom”, daquilo que tem valor...os jovens dos rolezinhos estão certos, nossa ideologia capitalista é que está com os valores invertidos. Eles estão em busca daquilo ao qual é atribuído valor: dinheiro, status social, carros importados, luxo e ostentação. Mas não só isso...

No Rio de Janeiro, berço do funk, os rolezinhos cantam outra ‘parada’, não é funk da ostentação. Em Niterói, dia 18 de janeiro, o Plaza Shopping foi palco de mais rolezinho, e a galera cantava um clássico do funk carioca: O rap da felicidade. Diz a letra:

Eu só quero é ser feliz / Andar tranquilamente na favela onde eu nasci, é / E poder me orgulhar / E ter a consciência Que o pobre tem o seu lugar / Minha cara autoridade, eu já não sei o que fazer / Com tanta violência eu tenho medo de viver / Pois moro na favela e sou muito desrespeitado / A tristeza e a alegria aqui caminham lado a lado / Eu faço uma oração para uma santa protetora / Mas sou interrompido a tiros de metralhadora / Enquanto os ricos moram numa casa grande e bela / O pobre é humilhado, esculachado na favela / Já não aguento mais essa onda de violência / Só peço, autoridade, um pouco mais de competência.

O pessoal da favela e das periferias sofre com a violência e também tem medo. O medo é recíproco e torna a convivência extremamente tensa, bem marcada pela exclusão social. Ah...a elite e a academia também têm preconceito em relação ao funk, mas recomenda-se tomar distância dos sentimentos para e ler a continuação do rap da felicidade:

Diversão hoje em dia... nem pensar / Pois até lá no baile eles vêm nos humilhar / Ficar lá na praça, que era tudo tão normal / Agora virou moda a violência no local / Pessoas inocentes, que não têm nada a ver / Estão perdendo hoje o seu direito de viver / Nunca vi cartão postal em que se destaque uma favela / Só vejo paisagem muito linda e muito bela / Quem vai pro exterior da favela sente saudade / O gringo vem aqui e não conhece a realidade / Vai pra Zona Sul pra conhecer água de coco / E pobre na favela, passando sufoco / Trocaram a presidência, uma nova esperança / Sofri na tempestade, agora eu quero a bonança / O povo tem a força, só precisa descobrir / Se eles lá não fazem nada, faremos tudo daqui.

Cantar esse funk dá um outro tom ao rolezinho de Niterói, um tom de protesto, de grito dos excluídos. Rolezinho também pode ser sinônimo de uma espécie de manifestação carregando desejos e sonhos, não só de consumo, mas de convivência, de visibilidade, dignidade e reconhecimento social. Há rolezinhos de todo o tipo, o fenômeno se repete, mas

tem diferentes contornos e conteúdo. É fenômeno diverso e complexo, não se pode reduzi-lo a simples “vandalismo”, “grupos de marginais” ou “desordeiros”.

A injustiça e a desigualdade presentes na sociedade corroem o tecido social e as relações humanas. Nossa sociedade está doente e cada vez mais se torna dependente de químicas e drogas – lícitas e ilícitas – para suportar a tensão e a pressão de viver à beira deste abismo social. O consumismo, muitas vezes, funciona como uma droga para amortizar a angústia existencial, ou a falta de sentido da vida: “Doravante, o consumo funciona como *doping* ou como estímulo para a existência, às vezes como paliativo, despiste com relação a tudo que não vai bem em nossa vida” (LIPOVETSKY, *Metamorfoses da cultura liberal*, p. 21-22).

“Por que ninguém vai dar rolezinho em bibliotecas públicas?” Porque não estimulamos a leitura, e não valorizamos nem o estudo nem o professor, uma das profissões mais mal pagas do país. Geralmente, os que criticam os rolezinhos nas redes sociais com perguntas do gênero, estampam em seu perfil camisas de marcas, posam com uma lata/garrafa de cerveja importada e publicam fotos de viagens internacionais. Se os jovens da periferia fazem rolezinho nos shopping, o povo da Zona Sul prefere o rolezinho em Miami, Nova York, Paris. “Cada um com seu cada um”, diz o chavão popular...

Os rolezinhos estão sofrendo repressão por parte da polícia e os shoppings tratam de se prevenir seja com liminares seja com os fechamentos das portas: uma declaração de que os jovens da periferia não são bem-vindos. Um apartheid escancarado e há quem diga que no Brasil não há racismo.

Apesar de toda repressão, o fenômeno se mantém e é provável que venha a adquirir novos contornos, incorporando novas demandas. Pode ser apenas uma ressaca brava ou um tsunami de grandes proporções. O tempo vai contar o final dessa história e seus desdobramentos, mas é irônico reconhecer que a onda do verão 2014 não é ditada pelas elites. Ou seja, não é viajar para uma ilha paradisíaca, nem surfar em Pipeline. Não é tomar o sorvete de tal lugar, nem usar esta ou aquela marca de biquíni. “De boa”, a onda do verão 2014 é participar de um rolezinho.

Complemento:

Assista ao curta Hiato.

<http://www.youtube.com/watch?v=UHJmUPeDYdg>

Sugestão: forme um grupo e promova uma discussão sobre as semelhanças e as diferenças entre o que se passou no filme e o fenômeno dos rolezinhos.

Para Refletir:

Jesus Cristo era da cidade de Nazaré, região de periferia, vila de má fama...”Pode vir de Nazaré alguma coisa boa?” (Jo 1,46). Por que o lugar tinha má fama? Era “barra pesada”? Drogas, criminalidade, roubos, violência doméstica... Jesus foi um jovem de periferia que provavelmente conviveu com o preconceito e a exclusão por viver em um lugar tão mal falado Drogas, criminalidade, roubos, violência doméstica...

Bibliografia

BAUMAN, Zygmunt, Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadorias/tradução Carlos Alberto Medeiros, Rio de Janeiro:Jorge Zahar Ed., 2008.

IHU Revista. Entrevista Giorgio Agamben, disponível em:
<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/512966-giorgio-agamben>

LIPOVETSKY, Gilles, Metamorfoses da cultura liberal, Porto Alegre: Editora Sulina, 2004.